



# ENTREVISTA com Antonio José Teixeira Guerra

13/09/2024

*Entrevista com o professor Antonio José Teixeira Guerra sobre seu pai, Antonio Teixeira Guerra.*

**Você nasceu em uma família de geógrafos. Mais especificamente, de geomorfólogos, embora seu pai fosse um homem academicamente transversal e multidisciplinar. Você tem alguma lembrança marcante dos teus pais com a geografia?**

O centenário da minha mãe também é neste ano. Minha mãe nasceu no dia 21 de janeiro e meu pai, no dia 9 de setembro de 1924. E lá em casa, era conversado e discutido geografia o tempo todo, assim como é na minha casa, com minha esposa, Carmen, também geógrafa. Diante desse quadro, minha filha não aguenta mais esse predomínio geográfico.

**Com pais geógrafos, o que o levou a estudar geografia?**

Para começar, acho que eu tive a sorte de ter excelentes professores de geografia no ginásio, no Colégio Estadual Visconde de Cairu. Mas eu já gostava de geografia antes disso, e conversava muito sobre geografia com meus pais. Meu pai comprava aquela enciclopédia Delta Larousse e eu lia tudo da parte geográfica, então, de fato, tem uma influência deles, mas eu também gostava. Meu pai, que dava aula nas três universidades públicas do Rio de Janeiro – UFRJ, UEG (atual UERJ) e UFF – porque os cursos eram no período noturno, e trabalhava no IBGE durante o dia. Quando fazia trabalho de campo com os seus alunos, ele me levava. Eu com cerca de 10 anos de idade, gostava de ir. Às vezes eram quatro dias de trabalho de campo. Quando não tinha aula na escola, enquanto meus amigos iam jogar bola, eu ia para o IBGE com meus pais e ficava ajudando lá,

pintando mapas. Na ocasião, eu entrava em contato com Orlando Valverde, Speridião Faissol, Marília Veloso Galvão (eu acho que ela era geógrafa na época), Elza Keller e Pedro Pinchas Geiger, (que está vivo até hoje). Eu conversava com esse pessoal todo com apenas 10 anos de idade, sendo que minha mãe também era do IBGE. Alguns anos antes do meu pai falecer, ela foi transferida como professora para a Escola Nacional de Ciências Estatísticas (ENCE). Com essa mudança, ela ganhou um pouco mais flexibilidade de horário, trabalhando duas ou três vezes por semana, ficando mais fácil cuidar de tudo, com 7 filhos. Mas ela também era professora de geografia em uma escola municipal, trabalhando dessa forma até se aposentar.

**Às vezes um pai fala para seu filho que gostaria que ele seguisse sua profissão. Ele alguma vez falou ou manifestou para você que gostaria que você fosse geógrafo?**

Não, nunca falou, nem influenciou minha decisão. No final de 1997, ao completar meu primeiro ano de pós-doutorado na Inglaterra, eu estava muito nervoso porque tinha que dar uma palestra. Fui para um *pub* com David Favis-Mortlock, mediador da minha palestra e hoje um grande amigo. Durante a conversa, eu falei de meus pais e da geografia. No dia seguinte, ao me ver nervoso, ele iniciou a fala dele desta forma: “eu queria apresentar a vocês o Tony Guerra”, como eu era conhecido, “ele vem de uma dinastia de geógrafos”. Pronto, aí todo mundo riu e a palestra saiu. Acho que é uma dinastia mesmo, que vai parar aqui, já que minha filha quer estudar arquitetura.

**Você lembra para quais lugares ele o levou em trabalhos de campo?**

Ele me levava nos trabalhos de campo, com as universidades, pelo estado do Rio de Janeiro, do Vale do Paraíba aos manguezais e sambaquis que ele estudava na Barra da Tijuca e no Recreio. Às vezes, a gente também ia passar alguns dias em Cabo Frio, pois meu tio tinha uma casa por lá. Quando meu pai tinha dificuldade de subir em alguma duna, ele dizia: “Sobe ali para ver se vocês acham isso”, e eu, com 10 anos de idade, subia. Eu já sabia observar uma carta topográfica, e ele ensinava os elementos cartográficos (escala etc.). As grandes e longas expedições ocorreram pelo IBGE, por isso ele não poderia me levar.

## **Mas quando ele chegava desses campos longos, ele te contava o que tinha acontecido lá?**

Contava, e eu absorvia tudo! Eu ficava viajando com ele enquanto ele contava as viagens. Eu ficava com vontade de ir, mas não era possível em uma viagem de 15 a 20 dias. Recentemente descobri que meu pai estava na Expedição Geográfica no Planalto Central, compondo a equipe do IBGE que viajou para escolher o sítio de Brasília. Francis Ruellan era o responsável pelos estudos geográficos para fixar o quadrilátero de Brasília, no Planalto Central. Eram quatro equipes: o chefe da equipe 1 era Alfredo Porto Domingues – eu cheguei a trabalhar com ele enquanto estagiário no IBGE; na equipe 2, o chefe era Antônio Teixeira Guerra. Região estudada: Silvânia, Goiânia, Corumbá de Goiás, Pirenópolis, Jaraguá, Colônia Agrícola de Ceres e área do Triângulo Mineiro. A secretária dessa equipe 2 era Dora Romariz. Uma das componentes do grupo, nessa época, ainda não tinha o sobrenome Teixeira Guerra: Ignez Amélia Leal. Outro componente dessa equipe: Carlos Augusto Figueiredo Monteiro. O chefe da equipe 3 era Nilo Bernardes, casado com Lysia Maria Cavalcante Bernardes, ambos funcionários do IBGE. E olha a equipe 4: Walter Alberto Egler, do Museu Goeldi, pai do Cláudio Egler, que foi meu colega de graduação, e meu colega departamento, hoje aposentado. Walter Egler morreu de forma trágica, afogado após acidente de barco. A mãe de Cláudio era Eugênia Egler, ela também foi do IBGE. Eu conhecia esse pessoal todo. Depois, eu cheguei a trabalhar no IBGE na Avenida Beira Mar, quando fui estagiário da Elsa Keller e do Roberto Lobato Corrêa. Quando iniciei o estágio, a Eugênia Egler ainda trabalhava lá.

**Antonio Teixeira Guerra escreveu duas homenagens póstumas na Revista Brasileira de geografia: uma a Roberto Galvão e outra a Jorge Zarur, que eram grandes geógrafos da época. No caso do Roberto Galvão, que morre fazendo um trabalho de campo, o texto diz que ele foi “tragado pelas águas revoltas de uma corredeira do Tocantins” (v.20 n.4 de 1958). Era uma época em que as pessoas arriscavam suas vidas nos trabalhos.**

Hoje em dia tem aluno que reclama se não tiver ar-condicionado no ônibus, ou se não tiver banheiro no quarto da pousada. Antigamente, o pessoal dormia em barraca, acendiam uma fogueira para se proteger dos animais e até ficava alguém com uma espingarda. Em um desses acampamentos, meu pai, que estava com a arma, viu um movimento e gritou “Alto, lá!”. Mesmo assim, a pessoa continuou se aproximando: era minha mãe, que tinha sonambulismo. Imagina se ele tivesse atirado? Eu não estaria aqui para contar essa história. Não me lembro qual dos dois me contou. Nessa

época, final da década de 1940, eles ainda não eram casados. Eles se casaram em 1950. Meu pai estudou na antiga Universidade do Brasil (atual UFRJ), e minha mãe fez PUC-Rio. Eles só foram se conhecer no IBGE, não sei se como estagiários ou já como geógrafos.

**Você tinha quantos anos quando seu pai morreu? Foi antes de você entrar para faculdade? Ele não viu você escolher geografia?**

Eu tinha 16, e minha irmã caçula, três anos. Não, ele não viu. Ele já sabia que eu ia fazer geografia, porque eu estava no primeiro ano clássico no Colégio Pedro II e entrei na graduação dois anos depois. E ele conhecia o diretor Segadas Vianna, que também era geógrafo e professor de geografia.

**Antonio Teixeira Guerra ministrava uma série de cursos, incluindo idas a campo para professores de geografia de todo o Brasil. Você poderia falar um pouquinho dessa atividade de extensão que ele realizava no âmbito do IBGE?**

Eu acho que essa era uma das grandes paixões do meu pai. Antigamente, o IBGE oferecia cursos de “Aperfeiçoamento dos Professores de Ensino Médio de geografia”, organizados pelo então Conselho Nacional de geografia – CNG em época de férias escolares. Ele tinha uma paixão muito grande pelos ensinamentos Fundamental e Médio. Além de trabalhar no IBGE, ele também foi professor da escola de normalistas Carmela Dutra, em Madureira, que antigamente formava professoras e professores de ensino fundamental. E meu pai também era professor no período noturno do Visconde de Cairu, onde eu fiz meu ginásio à tarde. Assim, ele sentia e sabia sobre as necessidades dos professores de geografia. Outra coisa interessante que eu me lembro: quando alguém telefonava no dia anterior, pedindo para ele substituir a pessoa em uma aula de geografia, qualquer que fosse o assunto, ele aceitava. Não tinha Internet, não tinha Google para pesquisar, e meu pai ficava a madrugada toda preparando uma aula, pois a turma não podia ficar sem aula. E a empolgação dele era tão grande que, aos sábados, numa certa época, ele preparava candidatos para fazerem concurso para professor na rede pública do município e do Estado. Além da prova escrita, antigamente, era exigida prova de aula, como ocorre nas universidades até hoje. Ele ajudava os alunos na preparação e eles treinavam dando aulas que eu gostava de assistir.

**Então seu pai realmente era transdisciplinar e multifacetado? Os seus artigos versavam sobre diversos temas. E além de pesquisador, ele era um grande educador, lado pouco explorado dele.**

Ele dava aula em todos os níveis: Ensino Fundamental, Ensino Médio e faculdade, na universidade. Na UERJ, eu acho que ele dava aula de geografia do Brasil. Na UFRJ, ele dava aula de Geomorfologia para Geologia. A fotografia dele está no andar térreo, junto com outros professores da Geologia. E na UFF, eu acho que era geografia da População, uma coisa assim. Acho que eu herdei essa preocupação com o ensino também. Eu já passei por todos os níveis, durante a faculdade eu dava aula em cursinho pré-vestibular, trabalhei na rede pública do Município e do Estado, e dei aula em escola particular. Hoje temos esse projeto de ensino de solos nas escolas, junto com a Luana Rangel e com a Carmen.

Eu li a obra dele toda, e no livro, “Coletânea de Textos Geográficos de Antônio Teixeira Guerra”, que eu organizei, tem um artigo que se chama “A importância da geografia no poder nacional”, publicado um pouquinho antes do golpe de 1964. O livro “Características geográficas do território do Amapá” tem detalhes da área física, depois entra na área humana, explica a ocupação de uma área, a necessidade de construção de rodovias etc. Como ele fazia tudo isso? O que eu vi recentemente quando estive no Oiapoque, ele já tinha visto e escrito 70 anos atrás. Fora que ele não tinha GPS, não tinha imagem de satélite, não tinha nada que a gente tem hoje. Ele se localizava com a bússola. Eu aprendi a usar a bússola de geólogo com ele, e ainda tenho a bússola dele, daquelas antigas, em caixa de couro de boa qualidade, aveludada por dentro. Eu nem a levo para campo. Essa bússola do meu pai deve ter uns 80 anos, mais ou menos, e está perfeita.

**Este ano, além do Centenário dos seus pais, também é o 70º aniversário do Dicionário Geológico-Geomorfológico, se você considerar a primeira edição em 1954. Como você vê o papel dessa obra no desenvolvimento, principalmente, da geomorfologia no país?**

Foi uma obra que marcou demais, com essa preocupação didática/pedagógica dele. Tem que ser muito audacioso para escrever um dicionário! Eu tenho essa primeira edição, que saiu pelo Instituto Pan-Americano de Geografia e História. Cada edição saía com uma capa diferente, e isso me marcou muito, porque eu cheguei a usar a primeira edição do dicionário, mas quando eu comecei

a ler um pouco mais, já estava na segunda edição do IBGE, de 1968. São muitos desenhos dele, de falhas e fraturas, e muitas fotografias dele e do Tibor Jablonszky, um fotógrafo do IBGE que o acompanhava em todas as viagens. Foi uma edição modernizada, mais atualizada, e eu gostava de ficar vendo aqueles verbetes, mesmo sem entender tudo, também já usava para fazer alguns trabalhos do Colégio Visconde de Cairu, que fica ali no Méier. A gente morava no Engenho Novo, e às vezes eu levava o dicionário do meu pai para a escola, eu tinha o maior orgulho. O meu professor de geografia não tinha um exemplar, acho que o acesso não era tão fácil, e ele ficou encantado quando viu o que levei para a escola. Em 1996, eu resolvi fazer uma atualização do dicionário. Eu já tinha o livro “Geomorfologia: uma atualização de bases e conceitos”, publicado pela Bertrand, e por isso publicamos o dicionário na mesma editora. Eu aumentei uns 500 verbetes ali, atualizei muita coisa, por isso pedi a minha mãe a autorização para entrar como coautor, e ela autorizou. A segunda edição, que saiu pelo IBGE em 1966, tinha 411 páginas, e a edição da Bertrand tem 648 páginas, mas ela saiu no estilo de dicionário, com duas colunas, enquanto a do IBGE era uma coluna só. As pessoas gostam mais de dicionário com essa coluna dupla, fica mais fácil de ler. Mas eu não consegui publicar uma atualização dessa edição da Bertrand. Eu nem sei se eu encontraria esse arquivo, porque cheguei a corrigir muita coisa e ia aumentar uns 200 verbetes. No entanto, a editora criou um certo obstáculo, na época, e desisti de atualizar.

**Antonio Teixeira Guerra tinha grande capacidade de ordenação, de organização, e de lógica, para coordenar vários projetos tão distintos. Isso reforça a iniciativa dele em se aventurar nessa tarefa hercúlea e árdua do Dicionário Geológico Geomorfológico que demanda muita organização e sistematização.**

E eu me pergunto como é que ele conseguiu escrever vários textos, tudo no papel? Porque, hoje em dia, a gente abre vários arquivos, avança simultaneamente, aos poucos. Durante alguns anos, eu cheguei a guardar um trabalho que ele tinha deixado mais ou menos incompleto sobre erosão de solos, e eu perdi depois, não sei como. A minha ideia era pegar, tentar modificar, melhorar e publicar, mas eu acabei perdendo. E se a minha letra é ruim, a dele era pior ainda. Eu herdei dele até a caligrafia.

**Seu pai se foi no auge da produção e da atividade, com apenas 44 anos, mas viveu intensamente. Você pode comentar um pouco sobre a vivência acadêmica dele?**

Ele faleceu em 1968, dois anos após a publicação da segunda edição do Dicionário Geológico Geomorfológico pelo IBGE. Foram poucos anos, mas intensamente vividos. E ele deixou muitos artigos e muitos livros publicados, um para cada antigo território, além do “Paisagens do Brasil”. Ele também escrevia nas enciclopédias dos municípios brasileiros. E chegou a ir ao Congresso Internacional de Geografia, da UGI, em 1952 em Washington (Estados Unidos); eu acho que foi em 1949 em Lisboa (Portugal) também; não sei se foi no de Estocolmo (Suécia), em 1960. Ele fez uma espécie de especialização na França, onde passou dois anos. Viajou para a África do Norte e passou um tempo por lá. E a livre-docência, na Uerj. Por outro lado, a sua presença na Associação dos Geógrafos Brasileiros – AGB era muito intensa, com forte participação nas reuniões e assembleias. Na época, aconteciam muitas solenidades e palestras no IBGE: ele sempre estava presente. E quando era possível, eu também o acompanhava.

**Hoje vivemos uma escalada das questões climáticas e dos desastres ambientais. Você identifica contribuições que o seu pai já trazia para essa área, nas pesquisas dele?**

Vou citar logo o livro “Recursos Naturais do Brasil”, que foi a tese de livre-docência dele, na antiga UEG. Neste livro, ele demonstra muita preocupação com a questão da conservação e uso adequado dos recursos naturais. Na época não se falava em mudanças climáticas. A defesa da sua tese de livre-docência, que eu assisti também, aconteceu no auditório da UEG na rua Haddock Lobo, na Tijuca. Ao todo, durou umas 8 ou 9 horas e devia ter ali mais de 100 pessoas assistindo. Ele levou todos os livros que tinha usado na tese, e estava preparado para todo tipo de pergunta. Me lembro que um dos componentes da banca questionou o gênero de aluvião, e pediu para meu pai mostrar um livro que usava aluvião no masculino. Meu pai, que já tinha consultado um professor de português, ficou indignado com a insistência naquele detalhe, e respondeu: “pois não, está aqui, o Dicionário Geológico Geomorfológico, de Antônio Teixeira Guerra”. Foi aquela gargalhada geral. O professor não perguntou mais nada e deu a nota mais baixa da banca para meu pai.

**De fato, a língua evolui, e o gênero de algumas palavras também. Em alguns trabalhos, por exemplo, Antonio Teixeira Guerra fala dos lateritos, que hoje se enunciam no feminino, laterita. Mesmo assim, muito de seus textos se aplicam ao momento atual.**

É o próprio “Recursos Naturais do Brasil: bases para um desenvolvimento sustentado”. Ele não usou termos como “desenvolvimento sustentável”, mas ali estão as bases para a conservação. É bem atual. Só precisaria atualizar os dados que são da década de 1960. Depois saiu outra edição, já depois da morte dele, atualizada por mim e por minha mãe que ainda dava aulas na ENCE.

**Você acha que foi por esse trabalho, ou talvez por causa do dicionário, que ele ficou conhecido como geomorfólogo? Ele se autointitulava geomorfólogo?**

Não. Talvez seja pelo dicionário e pelo curso de aperfeiçoamento para professores. Eu me lembro que os professores ficavam encantados, as pessoas vinham do Brasil inteiro. Me lembro de pessoas de Roraima, Rio Grande do Sul e Mato Grosso. Acho que abriam algumas vagas para cada estado. Recentemente a professora Vanda comentou que a mãe de Antônio Carlos de Barros Correa, da UFPE, tinha feito esse curso do meu pai, acho que 2 ou 3 vezes, não sei como, porque era difícil se deslocar do Pernambuco para o Rio de Janeiro.

**Alguns traços da personalidade de Antonio Teixeira Guerra já são conhecidos, não só por seu trabalho, mas pelo quanto você fala dele. Qual traço da personalidade do seu pai marcou, como um exemplo?**

Meus pais eram muito corretos, mas meu pai era ainda mais. Minha mãe era aquela mãezona, permitia mais, mas meu pai era muito rigoroso. Ele tinha que fazer tudo sempre certo, muito exigente. O grau de exigência dele era tão grande com ele mesmo e com os filhos que, se não fosse a minha mãe, seria terrível, porque meu pai era muito rígido com a gente. Eu me lembro que uma vez uma aluna da UFRJ ia reprovar com nota 4,9 na média. Ela implorou tanto que ele aceitou um trabalho adicional, ela conseguiu nota, foi aprovada e ficou muito feliz. No final do ano, foi entregue em nossa casa uma cesta de Natal com um cartão da aluna, agradecendo. Quando viu o cartão, meu pai quis imediatamente devolver a cesta, dizendo “é um absurdo ela me dar essa cesta porque



eu dei nota para ela”, como se ela estivesse tentando comprá-lo. No entanto, os filhos já tinham pegado coisas da cesta, minha mãe interveio e a cesta ficou.

Nossa família era de classe média, na época o salário dos professores era superior ao atual, possibilitando um padrão de vida melhor. Nós morávamos em uma vila no Engenho Novo, o equivalente a um condomínio hoje. Meu pai tinha a preocupação de deixar casas para os filhos. Como tanto meu pai quanto minha mãe trabalhavam no IBGE e eram professores, eles conseguiram comprar casas para deixar, pelo menos, uma para cada dois filhos.

Em síntese, meu pai tratava a todos igualmente, sem distinção. Ele já chegava no IBGE dando bom dia, do porteiro ao presidente, sem nenhum tipo de discriminação. Minha mãe também mantinha esses valores: eles não aceitavam discriminação. No meu caso, fui me tornando um pouco mais flexível com o passar dos anos, mas no fim das contas acabo me exigindo muito e cobrando um pouco dos outros também. O mais importante na minha experiência é que eu herdei, diante desse forte vínculo familiar, a procura por ser uma pessoa correta, acreditando que é fundamental tratar a todos com esse espírito de reciprocidade.